

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

“A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo
são irmãos siameses’ ’ ["The Theology of
Prosperity and neoliberalism are Siamese brethren"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-20 13:23:42
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160528

“A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”

Pentecostal é quem aceita a contemporaneidade da doutrina do Espírito Santo. Mas a complicação é imediata: qual doutrina?, questiona Gedeon Freire de Alencar

POR GRAZIELA WOLFART

O sociólogo Gedeon Freire de Alencar reconhece as contribuições do pentecostalismo para a sociedade brasileira, principalmente em relação ao aumento do número de alfabetizados e à diminuição da violência doméstica. No entanto, ele faz críticas ao pentecostalismo quando afirma que o mesmo “reproduz as opressões sociais, e elas ficam pioradas porque, neste caso, têm uma ‘marca espiritual’”. E aqui ele cita “o machismo, a discriminação de gêneros e sexos, apatia nas lutas sociais, um processo de acomodação de status e uma ênfase exagerada na solução dos problemas pessoais em detrimento da comunidade”. Quando questionado sobre o diálogo inter-religioso, Gedeon argumenta que “todas as religiões têm dificuldade de relacionamento, pois estabelecer uma relação é identificar no outro algum valor o suficiente para ele/a ser visto e ouvido. O ecumenismo é bonito na teoria, mas é piada utópica”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, o presbítero da Assembleia de Deus Betesda, de São Paulo, defende que “teologia da prosperidade e neoliberalismo é, como diz o provérbio popular, a casa e o botão. São irmãos siameses. Um não existiria sem o outro”. Para ele, ter mais público quantitativamente é o grande critério de validação das igrejas pentecostais. “Daí quem é o elemento fundante e final da coisa: o consumo”

Sociólogo, presbítero da Assembleia de Deus Betesda, em São Paulo, Gedeon Freire de Alencar é diretor pedagógico do Instituto de Estudos Contemporâneos - ICEC. É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista, com a tese *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Também é membro da Associação Brasileira de História da Religião e da Rede de Teólogos e Cientistas Sociais do Pentecostalismo na América Latina e Caribe. É autor do livro *Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses Sobre a (não) Contribuição Evangélica à Cultura Brasileira* (São Paulo: Arte Editorial, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor descreve a relação entre as religiões pentecostais e a sociedade brasileira?

Gedeon Freire de Alencar - Os pentecostalismos (no plural), como qualquer outra expressão religiosa, têm acertos e erros na sua relação com a cultura. Como nos lembra Weber, em seu clássico texto *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*, ou teoria dos conflitos, as religiões de salvação têm uma relação de tensão e concessão com o mundo. Portanto, com os pentecostalismos não poderia ser diferente. Sem julgamento de valores, vejamos, por exemplo, a relação entre alfabetização e pentecostalismo.

Nas regiões mais pobres da sociedade aonde o pentecostalismo chegou, houve uma melhora na questão da alfabetização, ou, de outra forma, se não fosse o pentecostalismo, nosso índice seria pior. Na questão da violência doméstica, idem.

IHU On-Line - Quais as principais críticas que o senhor faz ao pentecostalismo hoje?

Gedeon Freire de Alencar - Reproduz as opressões sociais e elas ficam pioradas porque, neste caso, têm uma “marca espiritual”. E aqui cito o machismo, a discriminação de gêneros e sexos, apatia nas lutas sociais, um

processo de acomodação de *status* e uma ênfase exagerada na solução dos problemas pessoais em detrimento da comunidade.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre o pentecostalismo e as religiões afro?

Gedeon Freire de Alencar - Péssima - por culpa de ambas. Sei que corro o risco de desagradar a todos, mas não vou fugir da questão. Primeiro, todas as religiões têm dificuldade de relacionamento, pois estabelecer uma relação é identificar no outro algum valor o suficiente para ele/a ser visto e ouvido. O ecumenismo é bo-

nito na teoria, mas é piada utópica. Segundo, teologicamente, ou sendo mais simplista, fenomenologicamente apenas, é impossível uma relação entre as duas. Nenhuma reconhece a outra, mesmo como mero fenômeno social. Terceiro, ambas são concorrentes, pois suas memórias estão na mesma camada social. Quarto, a criminalização da questão superou os limites da civilidade. Ambas são majoritariamente religiões de pobres e, esta, dentre outras, foi a razão da perseguição externa. O pentecostalismo foi absurdamente perseguido em seus primeiros anos, nos EUA e também no Brasil, pelas igrejas tradicionais, ditas cristãs, muito mais por racismo e sexismo. Uma perseguição imoral, anticristã, vergonhosa. Mas este mesmo pentecostalismo (no caso o neopentecostal), agora hegemônico e poderoso, repete de forma vergonhosa a mesma perseguição. Uma coisa é querer se diferenciar religiosamente, “se vender” como a religião melhor, mais correta etc. Outra coisa é criminalizar o outro; perseguir mesmo. Por outro lado, os cultos afros são muito competentes em termos estéticos e culturais, mas absurdamente incompetentes em racionalidade econômica. Para completar, são estupidamente divididos e inimigos entre si. Alguns optaram por um demagógico discurso vitimista e só conseguem se manter porque vivem ancorados nas sinecuras estatais. Com a desculpa (ou a culpa mesmo) de que é “cultura” e não religião, deram um tiro no pé: virou cultura alegre, vistosa, interessante para turista, mas se folclorizou. Enfeite de solenidade, alegoria de carnaval, não conseguiu articular militância e fidelização de seus membros. É dizimado mais por seus próprios elementos internos que externos. Pelo andar da carruagem só vai sobrar em museu.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre a teologia da prosperidade e o neoliberalismo econômico?

Gedeon Freire de Alencar - Toda teologia tem a cara de seu tempo - mesmo que teólogos se digam ins-

“Toda teologia tem a cara de seu tempo - mesmo que teólogos se digam inspirados (apenas) por Deus”

pirados (apenas) por Deus. O teólogo é um leitor de seu tempo. Alguns são bons leitores, outros péssimos. Então, teologia da prosperidade e neoliberalismo é, como diz o provérbio popular, a casa e o botão. São irmãos siameses. Um não existiria sem o outro. Não vou me atrever a avaliar a teologia ou a economia, pois entendo pouco dos dois, mas diria apenas mais uma coisa: por que o neoliberalismo não nasceu, por exemplo, no final da década de 20? Não existia, absolutamente, ambiente para isso. Da mesma forma como a teologia da prosperidade jamais teria surgido, no Brasil, na década de 70. Não havia condições econômicas e sociais propícias. Isso poderia ser dito de outras teologias e de outras épocas similares.

IHU On-Line - Em que sentido podemos perceber nas religiões neopentecostais uma ética relativista e uma estética consumista, como o senhor apontou em uma entrevista já em 2006¹?

Gedeon Freire de Alencar - Um dos critérios - quase único - de nosso tempo é o quantitativo. “O fetiche de quantidade”, como disse Renato Mezan², no caderno *Mais, Folha de São Paulo*, semana passada. Tudo é medido em números, e estes funcionam como oráculo divino. Por que este li-

¹ Leia a entrevista publicada na revista *Eclé-sia*, número 115, de março de 2006, disponível no sítio do IHU em <http://migre.me/Egdp> (Nota da IHU On-Line)

² Renato Mezan: psicanalista brasileiro, autor de diversos livros na área. É professor titular da PUCSP e articulista do jornal *Folha de São Paulo*. Dentre suas obras, destacam-se *Freud - A Trama dos Conceitos* (editora Perspectiva); *Freud, Pensador da Cultura* (Companhia das Letras, 2006 - publicado originalmente em 1985); e *Escrever a Clínica*. (Nota da IHU On-Line)

vro é bom? Porque vendeu muito. E este é melhor que outro porque vendeu mais ainda. Então, por que este louvor, música, pregação e igreja são melhores e estão certos, mais que outra(s)? Porque vendeu mais. Têm mais gente. Ter mais público quantitativamente é o grande critério de validação. Daí quem é o elemento fundante e final da coisa: o consumo. Por isso, benções são consumidas, louvores vendidos, pregações compradas. Igrejas são da moda - e o céu (ou o inferno para quem acredita...) é o limite. Conclusão - perdão pelo lugar comum - tudo é relativo. A ética é então muito mais conveniência que convicção; muito mais funcionalidade que fundamento. Qual a ética que rege este modelo? A do possível, dos fins justificando os meios. Não se tem mais *a priori* um bem maior definido e fundante, mas uma relatividade funcional de que, dependendo da “necessidade”, vale qualquer coisa. Se posso pagar a benção, comprar o louvor, transformar em moda a adoração, toda embalada para consumo de indivíduos, quem é que pode, em última instância, definir o objetivo? E Deus - seja lá ele quem for - não se meta a querer mudar o projeto.

IHU On-Line - Como entender a ênfase escatológica pregada pelas religiões pentecostais?

Gedeon Freire de Alencar - Nas igrejas pentecostais mais periféricas (domingo passado, vi isso pessoalmente) a mensagem escatológica ainda é forte, já nas igrejas de classe média e, principalmente, nas neopentecostais, o discurso escatológico está fora de moda. Simples, se Jesus voltar agora vai estragar a festa! O pentecostalismo, fenômeno típico da passagem do século XIX para o XX é absolutamente escatológico. Nasce no período das grandes guerras. Ademais, como religião de pobres, o sonho é escapar da miséria. É fácil para um intelectual de esquerda ridicularizar isso como alienação, mas, fazendo algum esforço para compreender “de dentro”, a doutrina escatológica também pode ser uma esperança. O céu é um projeto

“Se posso pagar a
benção, comprar o
louvor, transformar em
moda a adoração, toda
embalada para
consumo de indivíduos,
quem é que pode, em
última instância, definir
o objetivo? E Deus - seja
lá ele quem for - não se
meta a querer mudar
o projeto”

de justiça e paz.

IHU On-Line - Como a Assembleia de Deus se posiciona em relação ao pentecostalismo?

Gedeon Freire de Alencar - A Assembleia de Deus é uma igreja pentecostal. Aliás, não existe a Assembleia de Deus no singular, mas Assembleias. São muitas, variadas, autônomas, e, às vezes, inimigas entre si. Mas, majoritariamente são pentecostais, e como o universo assembleiano é vasto, há desde assembleias clássicas e tradicionais às mais neopentecostais e folclóricas possíveis. Teoricamente, pentecostal é quem aceita a contemporaneidade da doutrina do Espírito Santo. Mas a complicação é imediata: qual doutrina? Por exemplo, o falar em línguas e o exorcismo. Muitas igrejas hoje não têm mais estas marcas, ou só tem uma, como a Igreja Universal do Reino de Deus, que só dá ênfase ao exorcismo. Enfim, há muito que pentecostalismo não é mais apenas uma designação doutrinária, mas uma definição sociológica, e mesmo esta, atualmente, não é consenso.

Os pentecostais e a democracia da cultura religiosa brasileira

Inácio Spohr considera que foi o advento do pentecostalismo que proporciona as condições necessárias para um efetivo diálogo entre religiões no Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

“H oje, africanistas, católicos, evangélicos históricos, pentecostais, neopentecostais, espíritas, entre outros grupos, formam uma complexa rede de religiões que, de certa forma, democratiza a cultura religiosa brasileira”. A opinião é de Inácio Spohr, professor na Unisinos. Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele explica o conceito de Teologia da Prosperidade, pregado nas religiões pentecostais, afirmando que pode ser entendido como “um conjunto de princípios que afirmam que o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral durante a sua vida presente sobre a Terra. Mais: tem o direito de exigí-la diante de Deus”. Para Spohr, o pentecostalismo “vem a ser um fato novo e decisivo em um país também em uma situação sócio-cultural-econômica nova, que não tem medo de usar a mídia e os recursos econômicos para manter-se no ar”. E completa: “o avanço do pentecostalismo está intimamente vinculado à relação entre religião e sucesso na vida presente neste mundo. Vivemos em tempos em que religião e mercado se encontram. Desde logo, pentecostais, bem como alguns setores de outras religiões (até mesmo da igreja católica), buscam adequar práticas pastorais especificamente a um mundo globalizado e consumista”.

Inácio José Spohr possui graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, e mestrado em Ciências Sociais pelo Instituto Latinoamericano de Estudios Sociales, de Santiago do Chile. Atualmente, é professor na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos. Inácio Spohr, jesuíta, coordena o Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo - GDIREC, que integra a Ação Social na área do pluralismo cultural e das relações étnico-raciais da Unisinos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição do pentecostalismo para a sociologia das religiões no Brasil?

Inácio Spohr - Creio que podemos situar esta questão na área da “democracia religiosa cultural”. A história de nosso país remete a uma longa experiência de religiosidade oficial católica (sob a fórmula do padroado), que inicia com o período da coloni-

zação portuguesa e se estende até o fim do reinado de Dom Pedro II, em 1889. A instalação do regime republicano rompe a união Igreja/Estado: o Estado brasileiro se torna laico. No entanto, a predominância e a visibilidade católicas no imaginário religioso brasileiro seguem informalmente por muitas décadas mais. De certo modo, alcança até os nossos dias. Nem mes-